



DOIS BELLOS EXEMPLARES

(Phot. de Rebello Junior)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Rodacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 133

Braga, 15 de janeiro de 1916

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Tralha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora dos principaes cusas congeneres no estylo antigo
Depositos de imagens, oratorios, castiçães, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63
GUARDA = Representante e depositario — **CASA SUCENA**
Rua Heliodoro Salgado

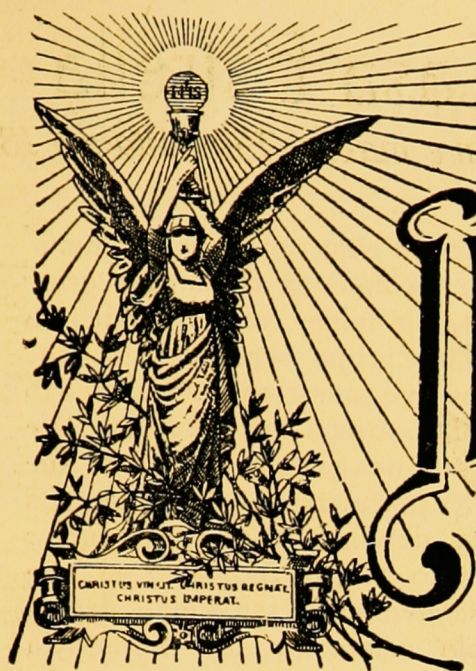


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



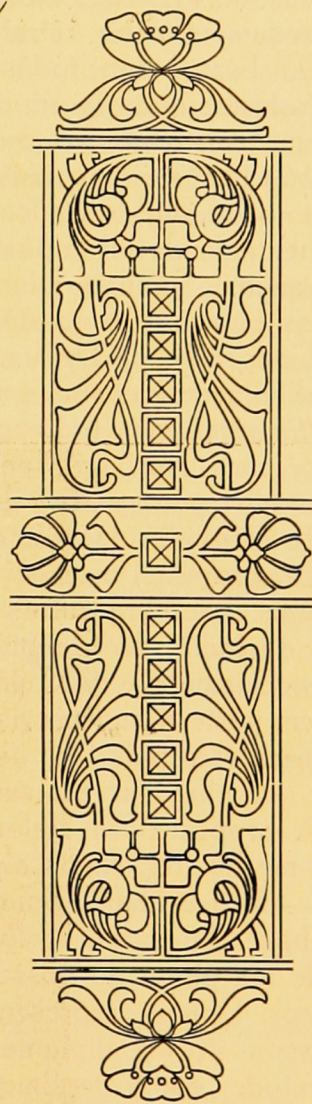
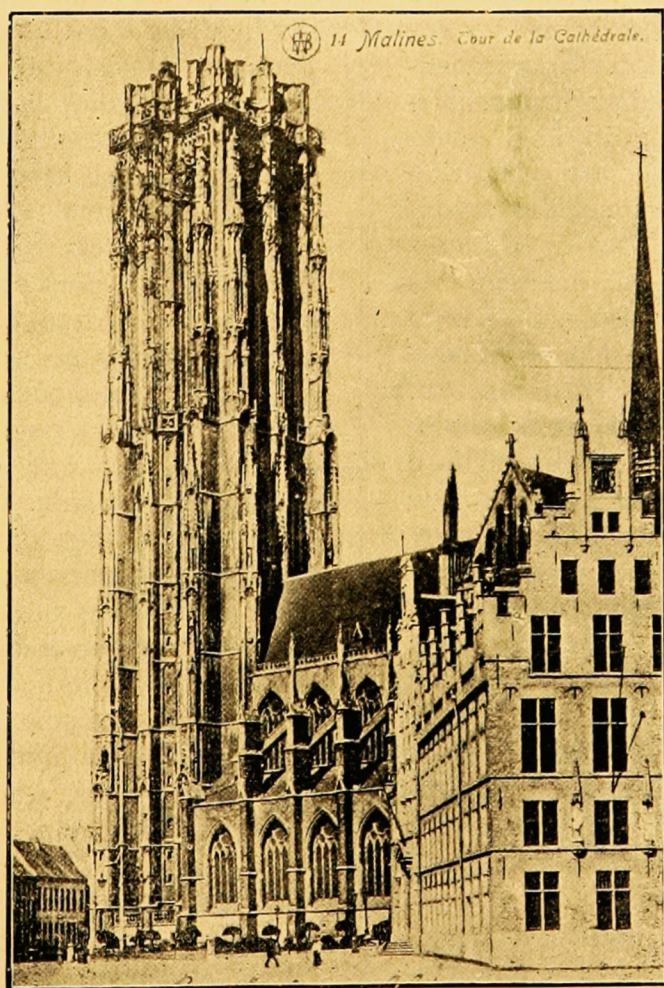
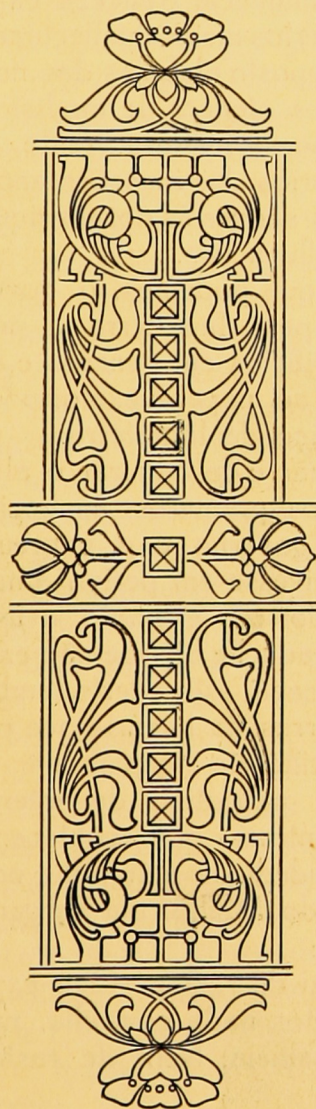
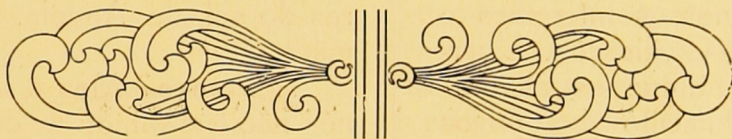
Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Vellozo

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 15 de janeiro de 1916

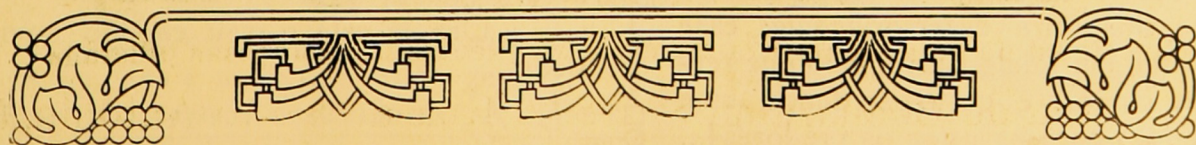
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

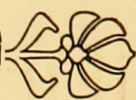
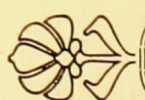
Numero 133—Anno III



CIDADES DA GUERRA

BELGICA—A Cathedral de Malines





EM RISCOS...

A perspectiva de uma mobilisação de cem mil homens anda hoje deante de todos os portuguezes desde que a seguir a uma reunião magna dos membros do gabinete com os chefes do exercito e da marinha começaram de surgir na imprensa, sobretudo na do Porto, revelações do que n'esse conciliabulo se tratou.

E creio que não ha dois portuguezes que em consciencia e em intelligencia acceitem de bom grado a participação de Portugal na guerra europeia. Com effeito, em Portugal como na Hespanha, embora esteja assente o imperioso dever de cumprirmos as obrigações dos tractados que assignamos, o conflicto europeu é encarado como estranho aos nossos interesses e todas as palavras magicas—Civilisação, Liberdade, Justiça e Direito—com que os alliados sóem argumentar ao retrahimento dos povos neutraes, bem como todas as lamentações e bons protestos que descem de Berlim e de Vienna, soam falso a nossos ouvidos. Comprehende-se; nós temos sido quasi continuamente, desde que o triumpho da causa do liberalismo constitucional nos foi imposto pela Inglaterra e pela França, o joquête internacional das ambições dos outros. Da questão *Charles et George* ao Congresso de Berlim, d'este á sessão das zonas d'influencia allemã em Angola, passando pelo *ultimatum*, vem todo um cortejo de humilhações para Portugal, entrecortado apenas, aqui ou alli, por gestões brilhantes de diplomatas (e estas devidas sómente ao trabalho e influencia proprias) ou por actos heroicos que tanto mais assombraram as potencias (as campanhas da India, do Gungunhana, dos Namarraes, do Cuamata e da Guiné) quanto ellas destróem em parte a sua previsão sobre a morte que espera este paiz tão docil aos golpes de astucia que ellas successivamente nos vibram.

—A propria obra diplomatica de D. Carlos—dizia-me ha trez annos alguém que nella participou—obra brilhantissima e suggestionadora, é sem base. Em primeiro lugar, ella não fazia parte de um plano do nosso ministerio dos estrangeiros. Depois, representa apenas a iniciativa pessoal do rei, diplomata a valêr, diplomata sobretudo, como geralmente o foram quasi todos os soberanos brigantinos, a começar no fundador da dynastia. Mas veja bem:—essa obra não tem base, não lhe corresponde um desenvolvimento economico, industrial e militar do paiz. Ao contrario, essa obra faz-se quando a nossa crise financeira é terrorificante; essa obra faz lembrar um fidalgo arruinado que reúne os ultimos contos, e gasta-os, dando uma festa esplendida... para assustar os crédores!...

Em resumo: tendo sido para nós de humilhações todo o tracto com as chamadas grandes potencias que hoje talam em furia bárbara os campos da velha Europa, sendo esse apenas o laço de relações que mantemos com ellas sob o ponto de vista dos nossos interesses, a que vamos intrometternos nas suas disputas? A que vão agora 100.000 portuguezes para os campos de batalha? Agora, depois que tivémos de lutar contra os alemães no Sul da Angola sem que a magnanima Inglaterra nos dêsse a mão, depois que, terminada esta campanha tão desastrosa para o nosso bom nome, são os mesmos inglezes, que, invocando a derrota de Naulila, se negam a ceder-nos, como premio do sacrificio, a zona ou faixa de terreno que de ha annos, na meza da commissão de delimitação das fronteiras do sul de Angola, disputávamos aos alemães...

A França? Mas a influencia franceza entre nós não tem sahido de certos meios intellectuaes, e tem apenas como entreposto algumas das nossas livrarias e os famosos *ateliers* de modistas. Toda ou quasi toda a nossa historia, onde se leem os episodios sombrios das invasões napoleonicas e concomitantes saques ás nossas riquezas, falla contra essa influencia...

De resto, mais do que podemos, o governo de Lisboa tem feito pela Inglaterra e pela França, os maiores sacrificios em generos e armas, sujeitando-se até ao papel vexatorio de contrabandistas ao serviço da Inglaterra.

N'estas condições, não é de admirar o alarme que vae pelo paiz aos primeiros annuncios da mobilisação que o governo e a imprensa dão como eminente. Estivésse em perigo a nossa independencia, devido, por exemplo, a uma investida hespanhola, e aquelle alarme não existiria; ás noticias da ameaça, estou certo (embora o não opinem bandarras da lamúria que por ahi vivem) de que se verificaria no paiz um levantamento animoso e patriótico de intensa vibração. Agora é o contrario que acontece.

Ha dias ainda um fidedigno amigo me contou que n'uma estação do Minho, um sargento republicano lhe disséra:

—P'ra guerra? Nem de rastos! Que experimentem! Nós não temos nada com ella, nem combatemos por conta alheia. Nem de rastos, saiba o sr.

No mesmo dia em que isto ouviu aquelle meu amigo, contava a *Vanguarda* que em Lisboa á reprimenda de um official a um soldado por não lhe fazer a continencia, este respondera:

—Ora, lá está o meu capitão com *thalassices*...

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Portas a dentro

PORTUGAL vae mobilisar. Mesmo contra vontade da Inglaterra, que não sollicitou o nosso auxilio e que desde o começo da guerra, talvez menos por extremos d' affecto, que por exacto conhecimento da nossa precaria situação militar, tem tido a gentileza de nos considerar paiz neutral, o governo portuguez, vae decretar a mobilisação. Um inconfessavel desvairamento vae atirar inutilmente para o matadouro europeu, milhares de portuguezes, vae arrancar á lavoura faminta os ultimos braços, aos lares miseraveis o derradeiro amparo, lançar o paiz inteiro, n'um incerto e perigosissimo caminho.

A Inglaterra nada nos pediu, nada nos pede, ainda agora, que as phantasias recrutadoras de Lord Derby ruidosamente fracassaram e que o serviço obrigatorio, extenuado recurso do gabinete de *Saint James* para supprir a assustadora falta de homens, remeche profundamente a sociedade ingleza. O recrutamento voluntario fracassou. Esgotaram-se todos os processos, puzeram-se em pratica as mais habilitadas combinações, inventaram-se os mais complicados ardis, desceu-se até, á pratica d'alguns processos pouco licitos, como esses deprimentes cartazes, que appareceram em Londres, sacudindo a frieza britannica, com o convite para uma sensacional caçada de fêras, sistemas, diga-se de passagem, bem pouco dignos de quem lucha pela civilisação e nem assim o fleugmatico commodismo Jhon de Bull se commoveu.

Pois nem mesmo n'este momento incerto, a Inglaterra bate á nossa porta.

Razões diplomaticas? Razões estrategicas?

De tudo um pouco afinal, como nos velhos reportorios. Mas vamos vêr entre as muitas e poderosas razões, que explicam a attitude ingleza, uma das principaes senão a principal determinante, do seu proceder para conosco.

Evidentemente á Hespanha não agradam os nossos bellicos furores, porque a nossa intervenção no conflicto mundial obriga-la-hia, mau grado seu, a quebrar a sua prudente e patriotica reserva.

Decidida a pezar na balança politica, desde aquella brumosa manhã de Carthagena, *nuestra hermana*, augmentou consideravelmente os seus effectivos militares e navaes. O seu porto militar do Ferrol, com os seus arsenaes adjudicados a uma poderosa empreza ingleza, as suas fabricas d'armas e munições, estão gerando modernissimos monstros destruidores. A

Inglaterra conhece as suas aspirações, o seu ambicioso desejo de reaver Gibraltar, para se livrar d'uma importuna visinhança e conquistar uma base segura d'operações, para a sua futura esquadra. Por isso a vae lisongeando, mimando em silencio, para lhe desvanecer o sonho deslumbrador, que nem ella nem a Allemanha lhe consentiriam,—pois nenhuma lhe entregaria a chave do Mediterraneo. — incitando-lhe a cobiça com a posse de Tanger, lisongeando-lhe o *quijotismo* tradicional, com a miragem luzente d'um brilhante papel no futuro convenio da paz.

Por outro lado a Inglaterra conhece a parcimonia dos nossos recursos militares e sabe, que a mobilisação d'um pequeno corpo d'exercito nos custaria sacrificios incalculaveis, esgotaria por completo os nossos recursos materiaes e economicos.

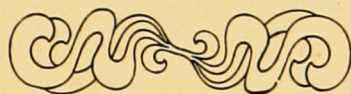
Sessenta mil, cem mil soldados, que enviassemos para a lucha custariam á Inglaterra unidades muito superiores, pois que declarada a nossa belligerancia, teria fatalmente que nos fornecer consideraveis effectivos não tanto por enternecedora amisade, como para defender toda esta apetecida carta, com singular predominio nas operações do Atlantico. Necessitaria desviar das suas esquadras algumas unidades que nos protegessem, arrancar aos seus cofres algum oiro que nos ajudasse a resistir, porque o nervo da guerra é o dinheiro, que é coisa que nos falta e não temos onde ir buscar.

E' assim que a Gran-Bretanha tem recusado os nossos offercimentos, é por isso, que os seus diplomatas respondem sempre aos nossos bellicos furores, com prudentes evasivas, com protocollares recusas.

Afinal, em troca do precario auxilio do nosso exercito, a Inglaterra perdia no negocio, porque teria de dar-nos muito mais, dispondo em nosso favor d'homens e recursos, que não pôde malbaratar.

Mas o governo de Lisboa insiste pela nossa intervenção e, segundo, affirmam os jornaes, vae mobilisar.

Está certo. Junqueiro tem razão. Vamos rasgar o bilhete da loteria.



A arte da guerra é conjectural, como a medicina; porém mais mortifera que ella.

As guerras começam pela ambição dos Principes, e findam pela desgraça dos povos.

Não ha guerras algumas justas, senão aquellas, que são inevitaveis.

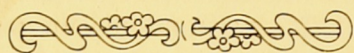
A guerra é o tribunal dos Reis; as victorias ou as derrotas são os seus arrestos.





Henrique de Paiva Couceiro

Passou no dia 10 de dezembro o 53.º anniversario de Henrique de Paiva Couceiro e essa data inspirou-nos o seguinte, em homenagem a essa figura prestigiosa que vaé consumindo, essa Vida que se vive só uma vez nas agruras do exilio, esperando sempre que um gesto magnanimo dos seus adversarios, (que no fundo se orgulham de fer por patriocio) o chame á sua Patria amada e ao seu lar abandonado.



Trez annos d'imperio

Maximiliano do Mexico



III

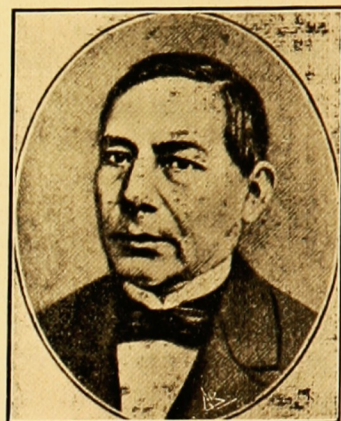
AS lagrimas, a excitação, o pasmo atroz pela offensa feita tanto ao seu orgulho como ás suas esperanças, vibram-lhe um golpe irremediavel. A politica, que conhece todas as villezas, todas as mentiras, não conhece a piedade.

Do martyrio de Saint-Claud a Miramar, de Miramar a um outro colloquio em Roma, colloquio historico, colloquio tragico com Pio IX, é toda uma progressão medonha no esphacelar psychico da misera senhora.

A Marquez antecipa-se o general republicano Porphyrio Diaz, o intrepido velho que a visitou ha pouco em Paris, depois de quarenta annos de dictadura, ao descalabro da sua patria. Parece que o encontro e a derrota de Mar-

quez é uma manobra equivoca d'este ultimo. Pelo menos a sua memoria não se livra da accusação de proceder com aleive.

Ao alvorecer de 15 de maio de 1867 o coronel Miguel Lopez, commandante do posto da Cruz, da mais alta importancia para a defeza de Queretaro, entendido com Escobedo, abre caminho ao inimigo, decidindo assim da sorte da cercada cidade, depois de dois mezes de va-



Benito Juarez, presidente da Republica Mexicana (1866-1872)

lentissima defeza. Não é a primeira prova de traição que Lopez dá na sua infame carreira. Antes de trahir Maximiliano atraçoara o governo norte-americano como vendera os francezes. Ávido de oiro, amantissimo de honras, soubera ardilosamente insinuar-se no animo do infeliz soberano. Maximiliano presume não po-



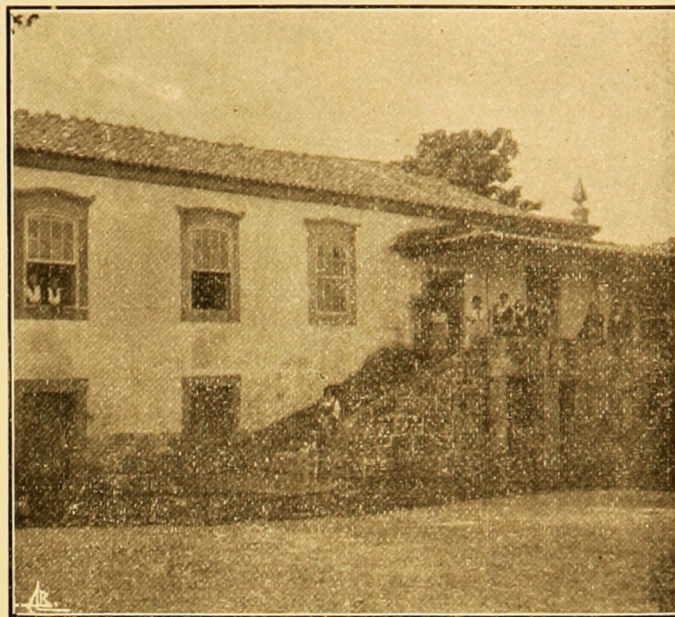
O cerro de Campanas em 19 de janeiro de 1867

der contar com melhor amigo. Mexicano de nascimento—de olhos azues e cabellos loiros, combinação assaz rara entre os mexicanos—apresenta o garbo de um soldado e mina-o a cobiça de um usurario.

Maximiliano escolhe-o para o acompanhar



UM SOLAR ANTIGO—Capella e portão do solar



O solar

na revista que passa todas as manhãs, com não pouco desapontamento dos que conhecem o perigo imanente d'essa preferencia dada ao ar-teiro Judas. Pobre Maximiliano!

Até os animaes tentam pô-lo em guarda contra o traidor. Um bello galgo que acompa-nhára o amo—um official aprisionado pelos re-publicanos em San Giacinto—fugira do acam-pamento de Juarez e voltara para Queretaro.

O imperador, que gosta de cães, sabe do caso e fica com o galgo. O animal é alegre, brinca com quantos officiaes frequentam o quar-tel imperial, excepto com Lopez. Ao vê-lo, ros-na, mostra os dentes e tenta alirar-se a elle.

Baldados os esforços de Miramon, pois não os secunda a esperada columna de Marquez, com o exercito desmoralizado pelas privações e pelas epidemias, só resta a Maximiliano, á guisa do Hamlet italiano, supplicar que uma bala o arranque a tão desventurada existencia. O destino, porém, reserva-lhe o martyrio. D'ahi

por deante toda a resistencia é inutil. Tudo se desmorona sob os pés do descendente dos Habsburgos. No cerro de las Campanas içá-se a bandeira branca.

*
* * *

Maximiliano entrega-se prisioneiro com os seus officiaes ao general Corona. Este condu-lo ao general em chefe Escobedo. E' a este ultimo a quem o imperador apresenta a sua espa-da pronunciando as seguintes palavras:

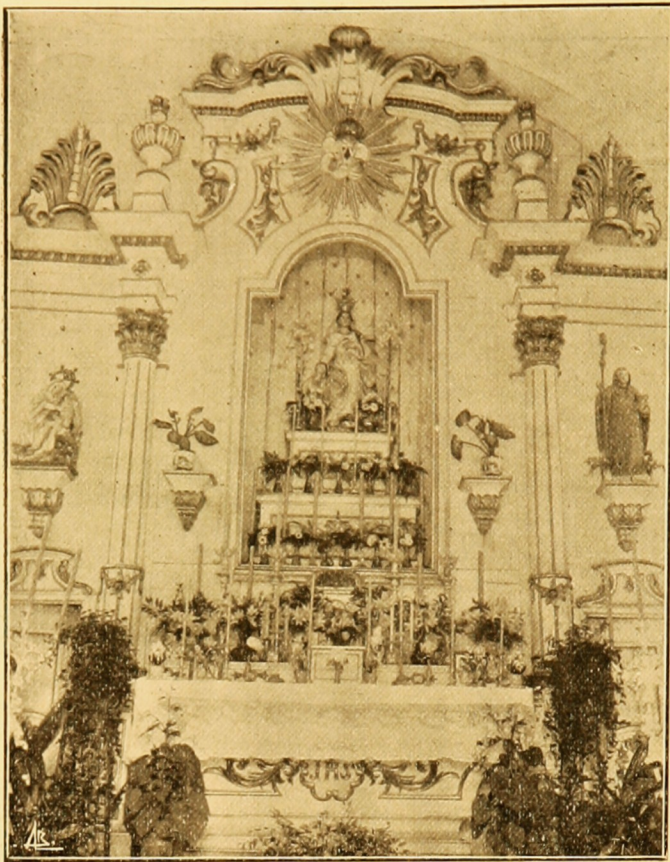
—Desejo que a officialidade que me acompa-nha não seja molestada. Se se necessita uma victima quero ser eu o escolhido, e que o meu sangue seja o ullimo deramado n'este paiz.

Continúa.

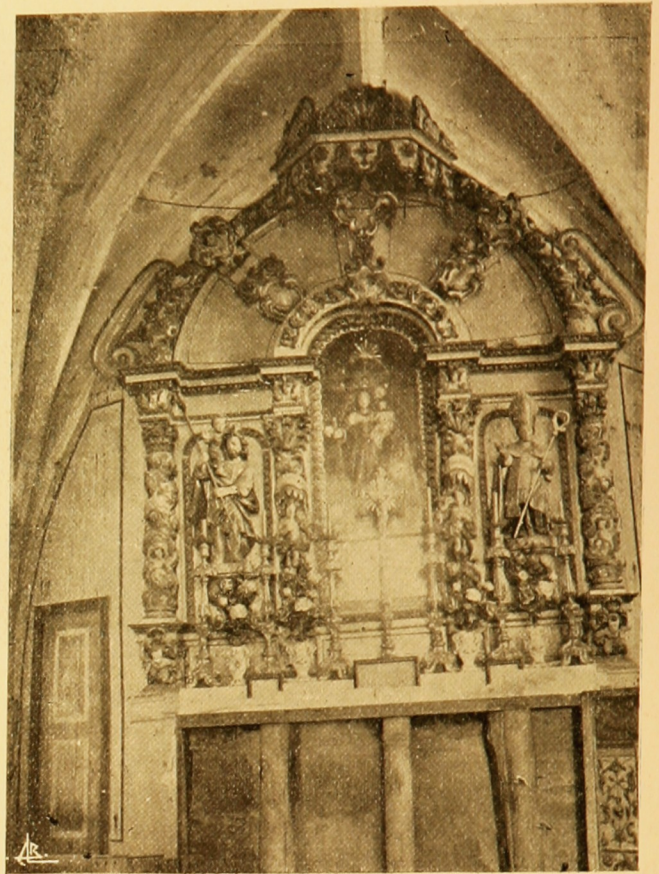
EDUARDO DE NORONHA.



A familia do actual proprietario junto d'um lago do jardim



Altar da capella da Quinta de Pereiró



Pereira. — O altar da capella de Nossa Senhora da Franqueira. O altar e as columnas que se veem vieram de Ceuta por occasião da tomada d'aquella praça. São de marmore



Direcção da Juventude Catholica de Merelim

S. Pedro da Torre

Foi baptisada, n'esta freguezia, e recebeu o nome de Ermelinda, uma filhinha do Sr. Alberto Gomes e Anna Marinho. Foram padrinhos o Sr. Antonio Avelino Gomes e a Sr.^a Ermelinda Gomes de Castro.

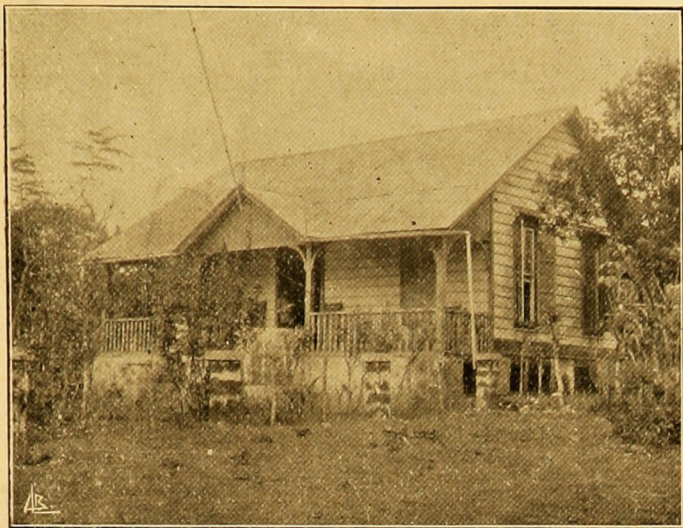
Este baptisado não se effectuou mais cedo, pelo facto de os paes muito desejarem que o padrinho estivesse presente e este encontrava-se na America do Norte, d'onde só ha pouco regressou.



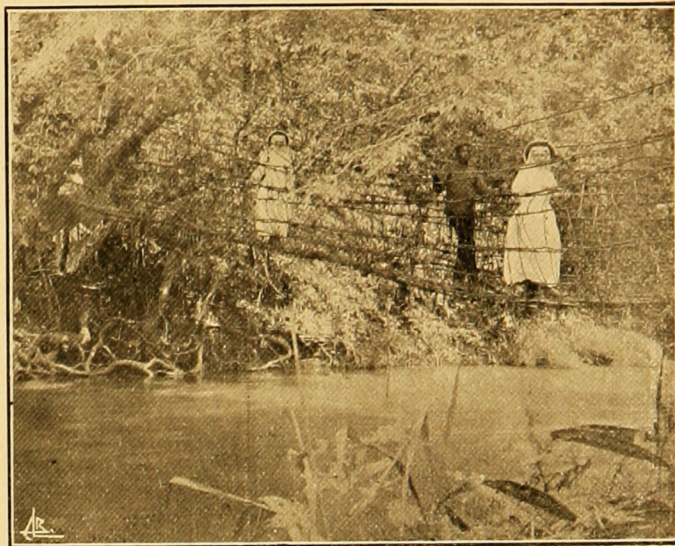
O presente do grupo representa as pessoas que, além de muitas obras, assistiram ao baptismo— Sentados da direita para a esquerda: 1.^o Alberto Gomes, pae, 2.^o Ermelinda, a baptisada, 3.^o Anna Marinho, mãe, e 4.^o Carolina Gomes de Castro, tia paterna.

De pé, P.^e Francisco Alves Guerra, parcho, Antonio Avelino Gomes, padrinho, Ermelinda Gomes de Castro, madrinha, e Camillo Affonso Gomes, um dos assistentes.

Missão de S. Salvador do Congo



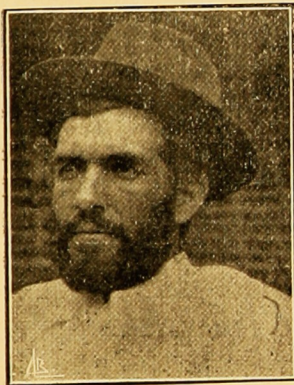
Habitação dos missionarios



Duas irmãs missionarias atravessando a ponte pensil construida pelos indigenas sobre o rio Luvo

Congo Portuguez

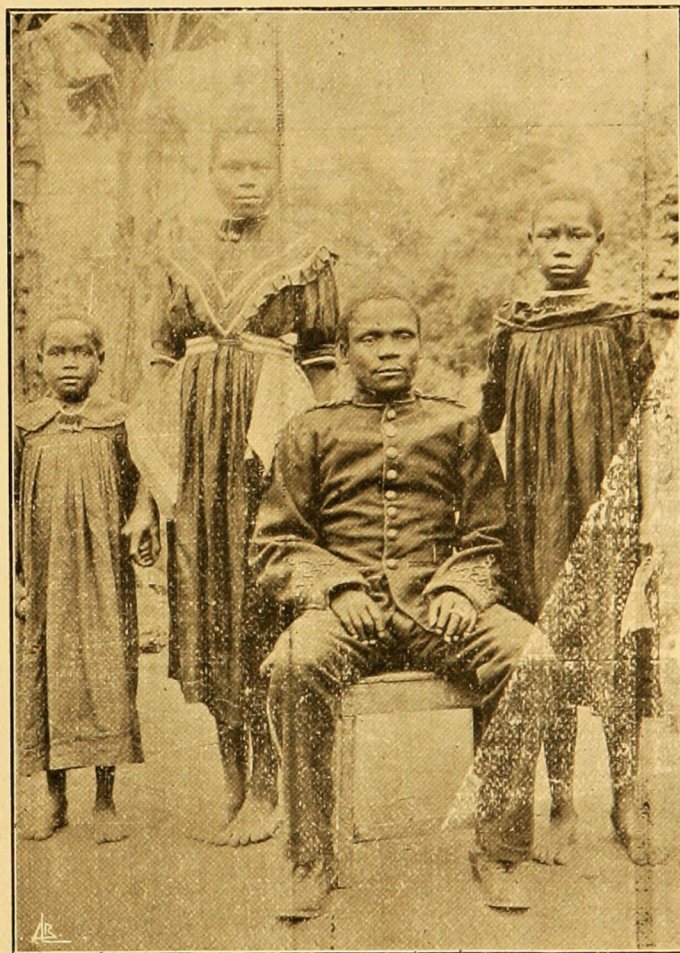
São muito animadoras as noticias que acabamos de receber de S. Salvador do Congo. A região, tão perturbada nos ullimos tempos com a revolta indigena, de que a imprensa largamente se occupou, entrou na normalidade, contribuindo para esse resultado os patrioticos esforços dos missionarios portuguezes, que alli continuam servindo com elevado desinteresse e dedicação.



P.^o José Salgado

A missão portugueza reconquistou o seu antigo esplendor, como se vê do prestigio crescente da acção missionaria, das sympathias que a rodeiam, da diffusão da instrução religiosa, da acção missionaria no Longuéji e até na densa região do Manguvo, refractaria ao sentimento christão e portuguez e que agora se abriu generosamente, correspondendo aos arduos trabalhos dos missionarios portuguezes.

Foi enorme a concorrência de forasteiros á festa de 15 de Agosto ullimo, a *festa grande das Missões Portuguezas*, simultaneamente religiosa e patriótica, que este anno teve especial relevo e significação por causa dos acontecimentos politicos de que o Congo Portuguez foi theatro. O Ex.^{mo}



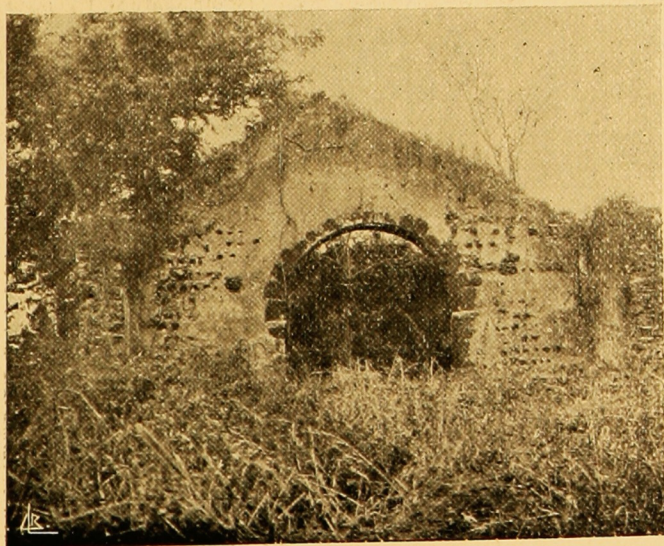
O Principe do Louguéji

Governador do Congo foi alli assistir este anno a esse importante acto.

E' actualmente superior das missões o intelligente e zelozo missionario, Padre José Salvado, nome cheio de prestigio no nosso Congo, pe'os altos serviços que alli tem prestado e continua prestando com grave prejuizo da sua abalada saude, e pela fórma verdadeiramente patriótica como sabe sempre conduzir a acção missionaria em luca com a missão protestante ingleza, cheia de recursos.

Ultimamente regressou á sua terra natal o bom missionario, padre Manuel Pinto de Carvalho, para restaurar a sua saude abalada por quatro annos dedicados de serviços em prol da evangelização e do engrandecimento do Congo.

Fazemos votos para que regresse breve a reoccupar o seu importante posto.



Ruinas da primitiva Sé do Congo



Os soldados alemães photographando os habitantes das povoações por elles tomadas

Tempos idos

O infante Dom Francisco

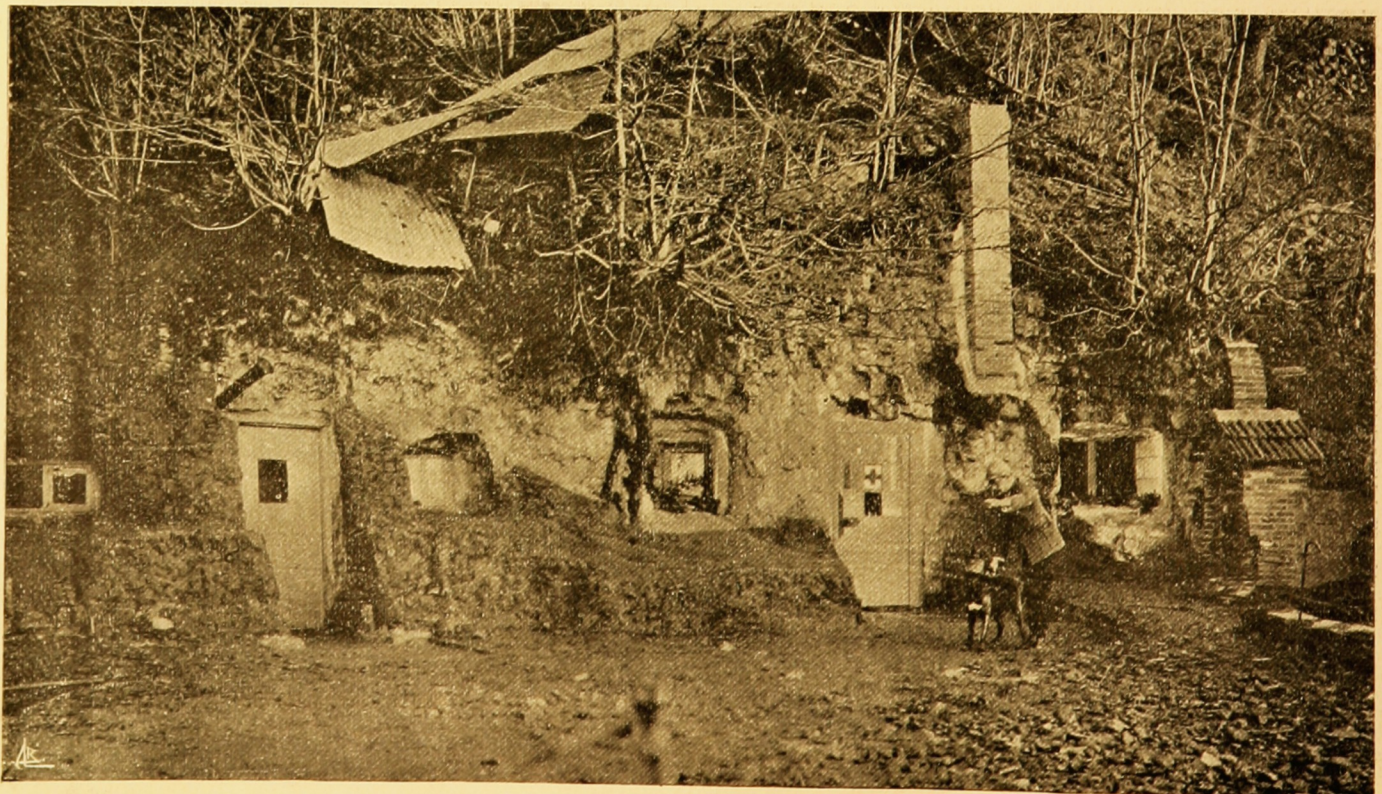


NO meu livro, *Em terras de Portugal*, quando me referi á quinta das janelas, hoje propriedade do snr. Luiz Gama, puz em nota que estas terras pertence-

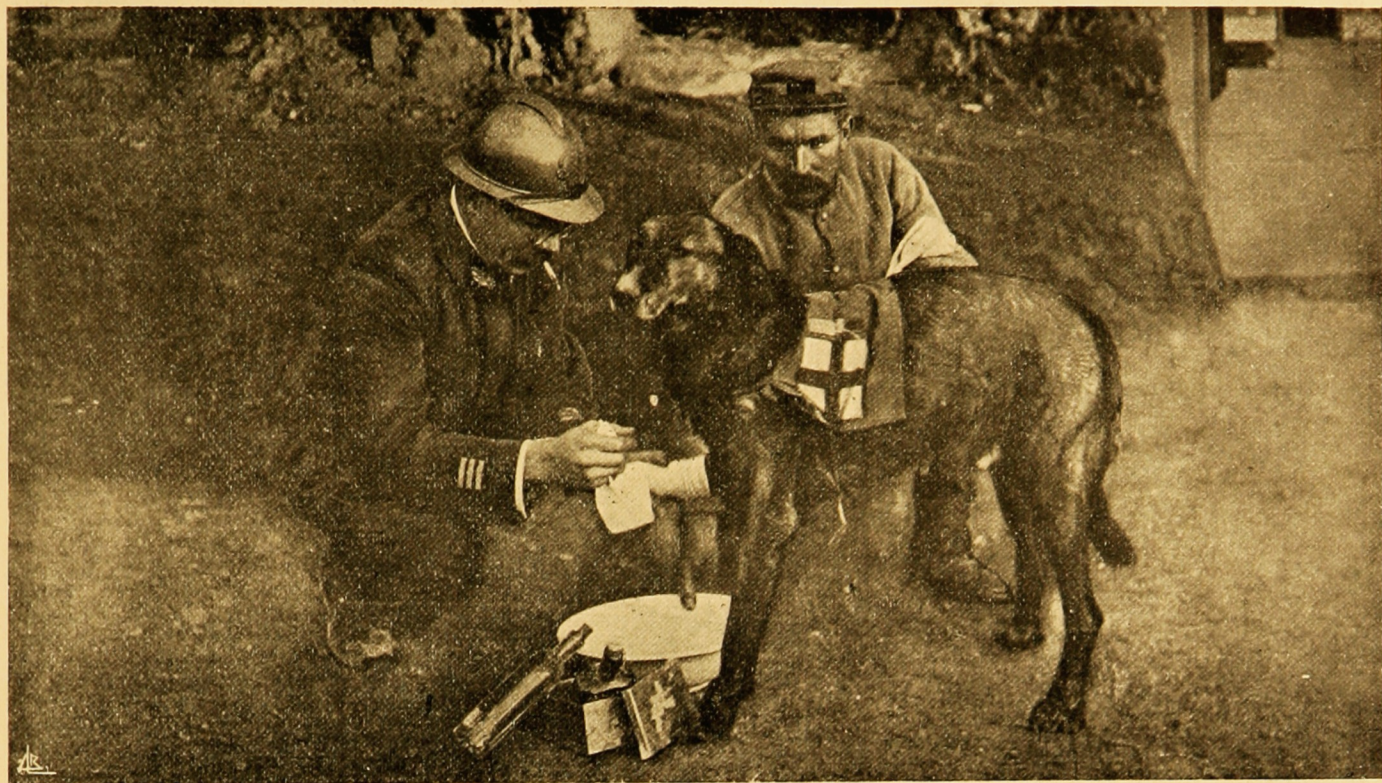
ram a Dom José d'Alarcão, filho de Dom José d'Alarcão e da condessa de S. Vicente, accrescentamos a título de curiosidade que fôra n'esta quinta que no anno de 1724 a 21 de julho fallecera o infante Dom Francisco, irmão de el-rei Dom João V.

A morte tão repentina d'este infante foi devida a uma indigestão de lagosta.

Se a figura de Dom João V é interessante como personagem decorativa da historia, cuja ostentação de luxo da côrte deu brado na Eu-



Um official da cruz vermelha indicando a um cão o logar onde deve ir procurar os feridos



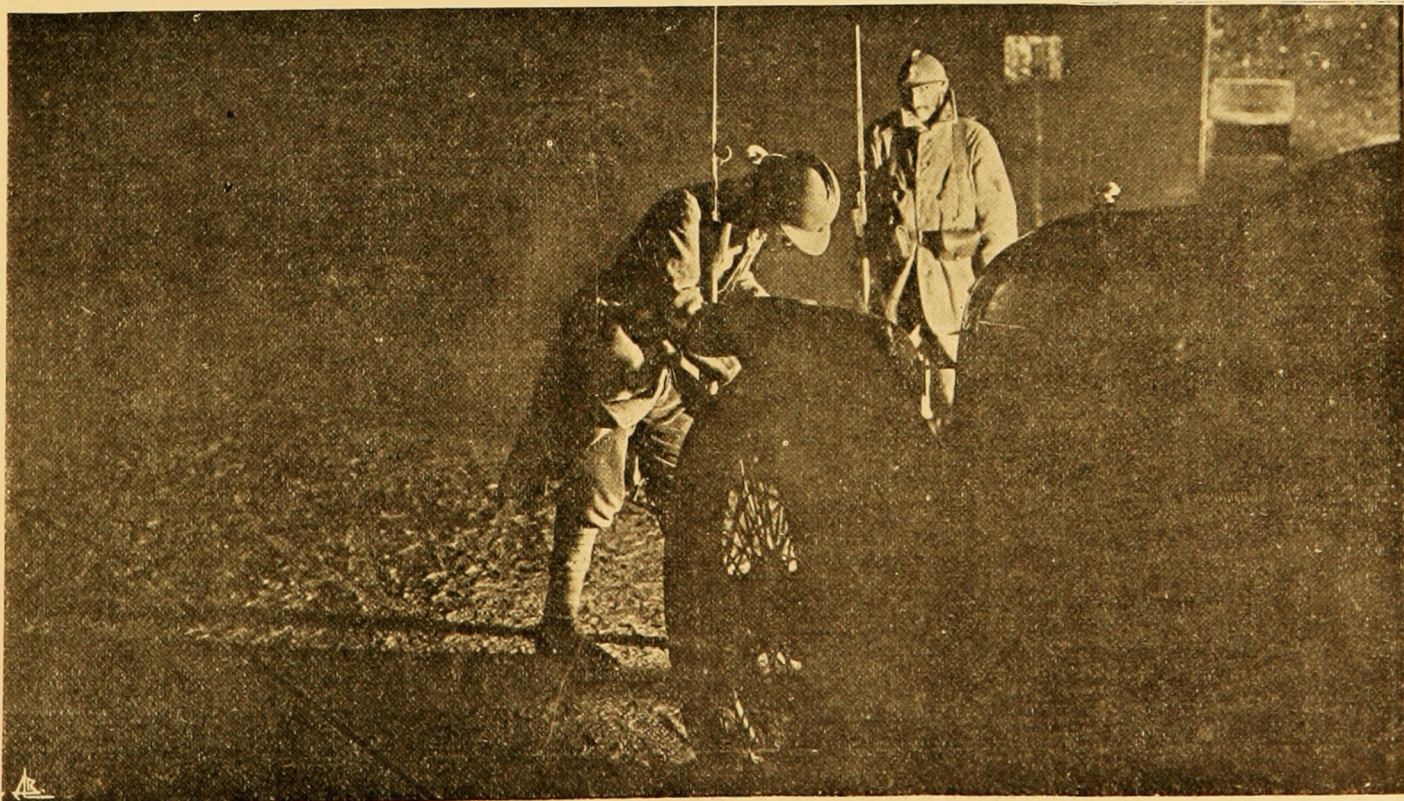
Dois militares fazendo o curativo a um cão que foi ferido por uma bala quando ia em socorro dos feridos

ropa, a ponto do auctor de *Pinto renascido*, chamar-lhe *Rei Sol* e Voltaire censura-lo talvez por se parecer com Luiz XIV, teve um irmão o infante Dom Francisco, que deu que fallar, não sob o ponto de vista das elegancias da côrte, mas pelo seu character esturdio, mau, atrevido praticando mesmo crueldades, principalmente no povo de Queluz, para onde todos os annos ia passar longas temporadas.

O palacio, casa do infantado ficara por morte de Dom Pedro, a seu filho o infante Dom Francisco.

Vilhena Barbosa em um estudo sobre o paço de Queluz (*Archivo Pittoresco*, vol. VI)

referindo-se ao infante Dom Francisco diz as seguintes palavras: «Os moradores do logar visinho é que não se applaudiam com estas visitas, pois que ordinariamente ficavam assignaladas com alguma grande travessura do infante, travessuras que tocavam muitas vezes nos limites da crueldade, e que foram tantas e taes em todo o curso da sua vida, que por sua morte se espalhou e enraizou no animo do povo dos logares circumvisinhos a crença que a alma do infante, em castigo dos seus peccados, vagueava todas as noites dentro em torno da quinta de Queluz. Ainda não ha muitos annos morava n'aquelle logar um octogena.



Soldados francezes revistando de noite a um automovel particular n'uma estrada proximo das linhas de combate



O resultado da explosão d'uma mina franceza de sete metros de profundidade

rio, que affirmava com muita ingenuidade que a alma do dito principe por alli andara passeando até 1842, anno em que se completara um seculo depois do seu fallecimento» .

A côrte de Lisboa pensou em casar Dom João V com a archi-duqueza D. Maria Anna da casa d'Austria, como assim succedeu, e o infante Dom Francisco com a archi-duqueza D. Maria Magdalena.

Foi encarregado da delicada missão de pedido o nosso embaixador Fernão Telles da Silva, conde de Villa Maior.

Os conselheiros austriacos não receberam com bom grado no tocante ao infante Dom Francisco, não porque estivessem ao facto do seu caracter, mas *principalmente* porque o infante portuguez não era principe reinante e acrescentaram que a archi-duqueza estava tão



Lord Kitchener e o general Bis descendo uma margem perigosa do Anzac

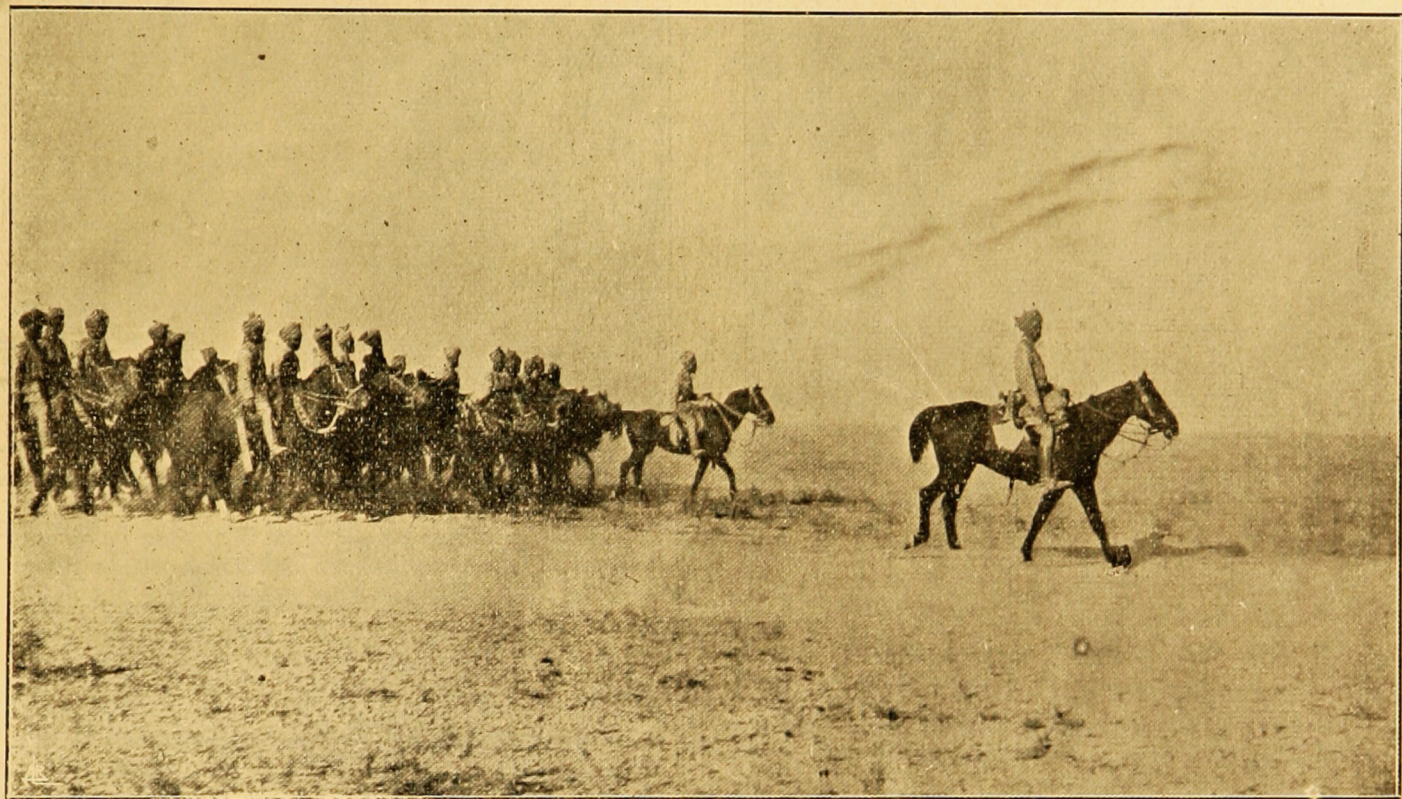
doente que não podia fazer uma viagem tão longa.

Não me parece que Dom Francisco se importasse muito com a diplomática recusa da côrte austriaca, pois a sua vida continuou-a no picadeiro, passeando pelo Tejo e em continuas caçadas.

Façamos um parenthesis, pois não devemos passar em claro a forma deveras brilhante co-

mo o nosso embaixador entrou em Vienna, quando do pedido da archi-duqueza mais tarde rainha de Portugal.

A nau que conduzia Fernão Telles da Silva, largou Lisboa em 14 de setembro de 1707, Dom João V mandou fazer na Hollanda sete coches para o embaixador, sendo um recamado de ouro por dentro e fóra! A comitiva constava de perto de cem pessoas, gentis-ho-



A cavallaria indiana em marcha para Kut-El-Near

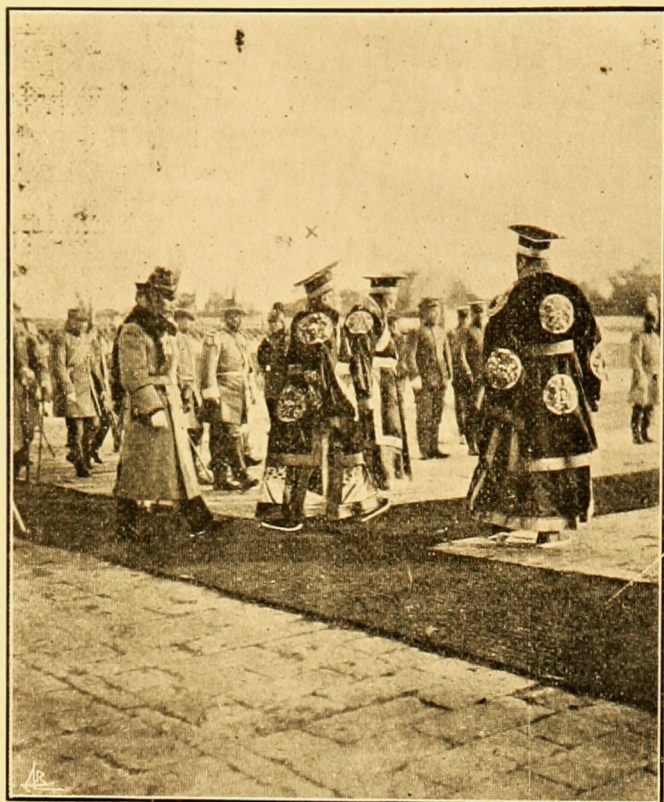


O capitão commandante da «Companhia da morte» do exercito italiano, com a armadura que faz lembrar um guerreiro d'outros tempos

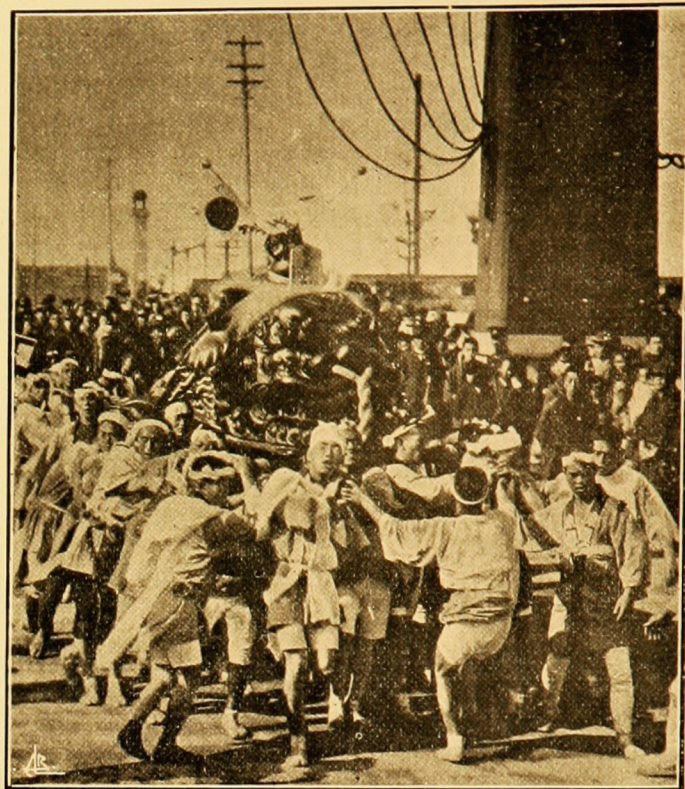


Uma companhia italiana fazendo um reconhecimento nos montes da grande cadeia de Dolomits





A Monarchia Chinesa. O novo imperador + no templo de Heaven



Japão — No dia da coroação do imperador na cidade do Tokio. Os rapazes levando aos hombros uma reliquia d'um deus pagão

mens, pagens, reposteiros, secretario, medico, confessor, creadagem, cocheiros, sota-cavallariças, porteiro da camara, e palafreiros. Além dos sete coches portuguezes, iam dois do imperador e quarenta e dois dos ministros, funcionarios da côrte, fidalgos, etc. O coche do nosso embaixador ia rodeado de trinta lacaios da sua casa, a pé, com ricas fardas; depois seguiam-se doze pagens montados em fogosos cavallos, com jaezes de rara belleza. Depois vinham seis palafreiros, com seis cavallos de fina raça e depois sotas-cavallariças. (*)

Voltemos agora ao nosso infante.

Dom Francisco era um turbulento atrevido; d'uma vez andando á caça pelo Tejo, sempre rodeado de uma ordinaria camarilha, como visse em uma verga de um navio um marinheiro, apontou-lhe a espingarda fazendo cahir o pobre homem! Estou certo que o principe e os

(*) A rainha chegou a Lisboa em outubro de 1708 em uma armada ingleza de dezoito naus.



Senhoras inglezas encarregadas da expedição do correio para os soldados combatentes

seus leaes vassallos ficaram com a consciencia tranquilla . . .

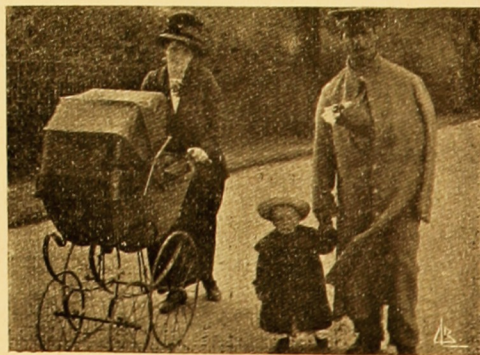
Gostava, como já disse, de caçar; a região das Caldas da Rainha, que abundava em caça como diz a chronica (*Livro Vermelho ou Dom Affonso V.*) «Grande numero de bosques cheios de cervos, javardos, coelhos e cysnes selvagens nas lagôas», era para o infante passeio predilecto. Fazia ponto de partida dos Goeiros, onde estava largas temporadas rodeado dos seus amigos inseparaveis.

Em Obidos, corria de bôcca em bôcca que as cavalgadas *tremiam* quando o viam!

Este infante era um perfeito contraste com aquella côrte da Ribeira, em que as festas, os saraus na antecamara da rainha eram polvilhadas dos requintes da *moda franceza*, aos sons de musicas e castradas italianas que tocavam e cantavam obras deleiadas de Sumelli, Sully e minuetas de Scrolatti.

Lisboa. Dezembro 1915.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Um soldado inglez convalescente passeando com sua familia n'um parque de Londres



A primeira missa do Papa

POR B. S.



ANTES da guerra, educadores eminentes e eminentes bispos exhortaram os jovens filhos de familias abastadas a comprehender e a ambicionar a honra do sacerdocio. Numerosas vocações espontaneas que nos ultimos annos sobretudo, tem honrado a mocidade christã, provam que satisfazendo aquellas exhortações, os novos padres corresponderam a um designio da Providencia, (1) e podem hoje invocar como fundado motivo da sua resolução, um dos documentos mais frisantes da vida do actual Pontifice.

A historia do joven estudante de Génova já foi narrada a quando da sua eleição ao throno Pontificio, sob o nome de Bento XV. Agora, por occasião do Natal, vem a proposito recordar a sua primeira missa, em 1878.

A 2 d'agosto de 1875, com 21 annos incompletos tomou o joven marquez Thiago della Chiesa na Universidade de Génova o gráu de doutor em direito. Satisfeita ficou d'este modo a condição que nove annos lhe fôra imposta por seu pae, no dia em que creança ainda, respeitosa mas claramente affirmára a sua carreira: «Quero ser padre».

Na verdade, aquelles annos da Universidade não tinham sido perdidos de todo como preparação para o apostolado. Em volta de Thiago della Chiesa, um grupo de estudantes se reunira cheios de fé e zêlo. Na audiencia que S. S. Bento XV concedeu nos primordios do seu pontificado, aos representantes da Federação Catholica dos estudantes universitarios, estes saudaram-no como seu predecessor.

Doutor em direito, o joven della Chiesa apressou-se a vestir a sofaina e a 21 do mesmo anno, festa da Apresentação de Nossa Senhora que, vinte um annos antes tinha marcado em Génova a sua entrada na vida, veio elle a Roma offerecer-se ao sanctuario fazendo admitir-se no Seminario Capranica.

Ora no dia de Natal de 1878, dom Giacomo della Chiesa celebrava a sua primeira missa na basilica de São Pedro. Para este fim, inscrevêra-se a certa hora no sanctuario da crypta vaticana: contava celebrar missa no altar immediatamente visinho, como se sabe, áquelle onde repoisam os augustos Corpos de S. Pedro e S. Paulo.

Um equívoco privou-o, á ultima hora, d'esta consolação. Mas para recompensar o desgosto, o sacristão da basilica dispensou ao fu-

turo Pontifice o favor de celebrar, pela primeira vez, o Santo Sacrificio sobre o altar da Cadeira de São Pedro.

Ninguém até hoje, de certo, notou esta particularidade. Juntou se-lhe uma outra circumstancia que hoje é interessante lembrar:

Dom Giacomo della Chiesa escolhêra como lembrança de ordenação uma graciosa imagem franceza da Casa Bonasse—Lebel, representando o Menino Jesus que nos céos apparece deitado no berço do presepio: sustenta na mão esquerda um calix e com a direita poisa uma larga corôa d'espinhos sobre uma cruz enorme que está cravada no mundo. Em volta do signal da redempção a superficie da terra estende-se semeada de egrejas e entre estas, no primeiro plano, a basilica de S. Pedro recebe os raios luminosos que, do calix sustentado pelo Menino Jesus, desce sobre ella.

O symbolismo da imagem que tão felizmente associa o mysterio do Natal, o Sacrificio da missa e, na basilica vaticana, a Egreja Catholica Romana, havia certamente determinado a escolha do joven sacerdote, cuja ardente fé romana devia comprazer-se nas linhas traçadas por baixo do desenho:

Estarêi com a minha Egreja até á consumação dos séculos. A minha cruz ficará de pé, para vos allumiar; para vos salvar.

Dom Giacomo della Chiesa, porém, não previra n'esse momento a inscripção que o R. P. Angelini, S. J. redigiu por sua intenção, para fixar a recordação d'esta primeira missa.

O R. P. Angelini era professor de eloquencia na Universidade gregoriana, e dom Giacomo della Chiesa, entre outras medalhas, obtivera a de oiro nos cursos de eloquencia sacra.

Mestre n'esse estylo lapidar de que só os latinistas romanos tem o segredo, o venerando religioso compoz para o mais disincto dos seus alumnos uma inscripção soberba que hoje apresenta não sei que propheticó sabor:

PETRE APOSTOLORUM PRINCEPS
 QUEM IN ROMANA SE DE POPULOS VERITATIS LUCE
 COLLUSTRANTEM COLIMUS
 TU MIHI
 JACOBO DE LA CHIESA EX ALMO COLLEGIO CAPRANICENSI
 SACRIS TUO IN ALTARI TUASQUE SUPER EXUVIAS
 PRIMUM OPERATIS
 DIE NATALI CHRISTI DEI A MDCCCLXXXVIII
 PRÆSENS ADESTO
 TU MIHI
 ADDE ARDOREM
 QUO TUÆ POTESTATIS JURA
 TUEAR INTemerATA ET INTEGRAS
 ET FORTI PECTORE MALE OMINATOS
 HOSTIUM IMPETUS IN PONTIFICES MAXIMOS
 CONTUNDAM



MARIA VIRGO MATER
 CUJUS IN VULTU PRIMUM AFFIXIT OBTUTUM
 QUAM TENERIS LABELLIS PRIMUM SUAVIATUS EST
 JESUS INFANS
 MIHI PRIMUM DEO HOSTIA CÆLESTI PERLITANTI
 FAVE
 CASTISSIMA MATER
 MEUM IN TE TUUMQUE NATUM
 IN HORAS AUGE AMOREM
 MEAS HÆC FLAMMA
 PEREDAT MEDULLAS

*gratulationis et benevolentiae gratia scripsit
 Antonius Angelini e Societate Jesu*

«Ó Pedro, príncipe dos apóstolos — que nós veneramos em Roma, espalhando sobre os povos a luz da verdade, — assiste-me, a mim, Thiago della Chiesa que sobre o teu altar e sobre as tuas ossadas — celebra pela vez primeira o Santo Sacrifício. — Vem tu mesmo augmentar o meu ardor em manter inviolados e intactos os direitos da tua auctoridade — e em repellir os detestaveis assaltos dos inimigos contra o Soberano Pontífice.

«Maria, Virgem Mãe, sobre cujo rosto Jesus deteve o seu primeiro olhar: — tu que primeira tiveste a alegria, tu que primeira conheste a doçura dos beijos dos seus ternos lábios — sêde-me propícia, ó Mãe castíssima, emquanto, pela vez primeira, eu offereço a Deus a Hostia Celéste — augmenta de hora em hora o meu amor para contigo e para com teu Filho, e que esta chamma me abraze até ao mais íntimo do meu ser.»

Assim diz a inscripção.

De facto, toda a vida sacerdotal de S. S. Bento XV se passou trabalhando pela grandeza da Santa Sé, e é-nos grato recordar que, pouco antes de assumir o seu logar entre os successores de S. Pedro, o cardeal-arcebispo de Bolonha fôra a Lourdes pedir á Immaculada as mais abundantes graças para si e para o seu rebanho...



FASTOS DO CATHOLICISMO

Republicano e maçónico
 convertido ao catholicismo

O sr. Luiz Talavera, deputado republicano por Madrid enviou ao sr. bispo de Madrid-Alcalá a seguinte carta como retractação formal dos seus erros:

Ex.^{mo} Senhor:—Sinceramente arrependido de passados erros, volto ao seio da religião cathólica na qual fui educado e de que me separei não sei se por pertubações de intelligen-

cia, se pelo imperio das paixões se por ambos os motivos ao mesmo tempo.

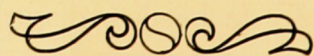
Não obedece esta minha resolução a um arrebato impulsivo de occasião; mas é producto de profundas meditações e completos estudos que levaram á minha alma a certeza e a convicção d'aquella phrase, segundo a qual o conhecimento vulgar das coisas nos afasta de Deus, e o conhecimento mais perfeito da sua essencia nos aproxima d'Elle. O estudo de todos os systemas philosophicos, pondo de parte o das religiões positivas, pois que sempre julguei que o professar algumas não podia ser outra senão a catholica, deixou sempre em mim um vacuo immenso. Por isso o meu estado foi o negativo da critica e não o positivo de affirmação. Por vezes cheguei a pensar que era absolutamente sincero e suficientemente meditado este estado negativo da minha consciencia; hoje estou persuadido de que obedecia a imperfeito conhecimento, á superficialidade de erudição, a orgulho inconfessado, ás paixões que offuscam a razão e a precipitam n'um estado de cobardia estúpida.

Ao abjurar e arrepender-me, a unica coisa que lamento é não poder reparar os danos que, com as minhas palavras e obras pude causar, ainda que prometta consagrar a minha existencia a um arrependimento perpetuo.

Devo declarar que pertenço á Maçonaria, e que em seu nome fallei em actos publicos, D'isso me arrependo pois que apezar de a Maçonaria não ser já hoje em Hespanha o que foi em epochas passadas, e dentro d'ella se não permitir nenhuma discussão politica ou religiosa, perdendo grande parte da sua força e desaparecendo o motivo para muitos dos anathemas lançados pela Igreja, o ambiente de irreligião que ali se respira, o racionalismo que professa, justificam plenamente a excomunhão que sobre ella peza.

Por descargo de consciencia, como deputado por Madrid, publico esta declaração em todos os jornaes, visto que, continuando a ser republicano por imaginar que não existe incompatibilidade entre esta fórmula de governo e o catholicismo devo contudo prevenir os meus eleitores da deliberação tomada, pois que se houvesse algum antagonismo entre a minha crença religiosa e o ideal politico, sem vacillar subordinaria este áquella.

Auctorizando-o a publicar esta carta no «Boletim Eclesiastico da Diocese» subscreve-se humildemente como sincero catholico, de V. Ex.^a—*Luiz Talavera.*





1 — General Castelnau que substituiu
o general Joffre no commando das tropas
francezas

2 — A heroína de Loos. Emilia Moreau
descrevendo as suas façanhas durante o
ataque ás trincheiras allemãs



As modas femininas



Um engano justificavel.

iiustração Catholica

1915
PAG. 465

Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos

E

Em presença do papa Pio V murmuravam alguns cardeaes da grande quantidade de beneficios que possuia o cardeal de Lorena.

Observou Pio V;

—De mim não dirão que tenho muitos, pois todo o mundo sabe que não tenho mais que um.

Um que vale por muitos

Um mau soneto

O conde de Ericeira, D. Luiz de Menezes, aconselhou o auctor d'um soneto:

—Digo-vos d'este soneto o mesmo que costumamos dizer a qualquer amigo quando veste um fato novo: «Esse roto e outro melhorado..»

O casamento

Escreveu D. Francisco Manuel de Mello:

—Ha tres casamentos. casamento de Deus, casamento do diabo, e casamento da morte. O casamento de Deus é o do homem moço com a mulher moça; o do diabo é o da mulher velha com homem moço; e o da morte é o da mulher moça com o homem velho.

Conde de Nassau

Avisaram o conde de Nassau, avô do principe de Orange, de que os hollandezes murmuravam dos pezados tributos com que os opprimia. Respondeu:

—Deixae cacarejar as gallinhas d'onde costumamos comer os ovos.

Viver em paz

O filosofo Leão Bysantino, que era muito corcovado, fallava um dia n'uma praça de Athenas. Notou que a multidão não só o não escutava mas até o troçava de ser corcunda. Sem se perturbar, continuou:

—Senhores athenienses; de que vos rides? De me verdes corcovado? Pois minha mulher é muito mais corcovada que eu, e, comtudo, quando estamos em paz, cabemos ambos em um leito: porem, estando em guerra nem em toda a casa cabemos.

Metello e César

Metello fazia systematica opposição a Cesar, guerreava-o sempre e por tudo. Cesar disse-lhe um dia:

—Não te cances. Por mais que faças não merecerás a ira de Cesar.

O imperador Constantino

Um grupo de discolos derrubou a estatua do imperador Constantino que, avisado do desacato e instado para que o vingasse cruamente, respondeu passando a mão pelo rosto:

—Eu não me sinto ferido

Nas dobras da toga

Sagunto rendera-se ás armas romanas. Os carthagineses e os romanos iam arcar num combate de exterminio. De Roma partiu para Carthago uma embaixada a justificar a rendição de Sagunto. Prolongou-se a discussão no conselho dos Anciãos. Afinal Fabio, arregaçando a toga, exclamou:

Trago a paz ou a guerra, escolhei.

—Escolhei vós! responderam todos,

—Então seja a guerra.

E deixou cahir a toga como se sacudisse sobre Carthago a morte e a destruição.

Ceia de Platão

O imperador Timotheo ceiou em casa de Platão, e tão parcamente que encontrando no dia immediato o filosofo, disse-lhe:

—Quem contigo ceia, Platão, acha-se pela manhã com muito boa saude.

O amor tudo crê.—*Ovidio.*

Antes pelear com o leão Cleones, com o monstro de Lerna, com o javali de Etholia, com as Stymphalides, com as maiores feras, que com a ternura do amor.—*Pauto.*